

BORGES E AS CATEGORIAS LÓGICO-FENOMENOLÓGICAS DE PEIRCE

Floyd Merrell e João Queiroz

Fenomenologia, ou faneroscopia

A fenomenologia do lógico-matemático C.S.Peirce, ou *faneroscopia*, como ele preferiu chamá-la, é uma ciência “ocupada com os elementos formais do fâneron”, o “total coletivo de tudo o que está, de qualquer modo, ou em qualquer sentido, presente à mente, sem consideração sobre se corresponde a algo real ou não”.^{*} Sua tarefa é prover um catálogo dos elementos mentais.^{*} Sua principal questão é: quais os “elementos indecomponíveis” encontrados no fâneron?^{*}

Todos os elementos da experiência pertencem a 3 classes que, desde que são melhor definidas em termos de números, podem ser chamadas Categorias Cenopitagóricas.

A experiência é composta por

- a) experiências monádicas, ou simples [...]; b) experiências diádicas, ou recorrências [...] experiência direta de uma oposição de pares de objetos; c) experiências triádicas, ou compreensões [...] experiência direta que conecta outras possíveis experiências.

Para Peirce,^{*}

não existem outras formas de consciência exceto as três mencionadas: Feeling, Sentido de alteridade (Altersense) e Sentido de mediação (Medisense). Elas formam um tipo de sistema. Feeling é o conteúdo momentaneamente presente da consciência em sua simplicidade pristina, à parte qualquer outra coisa. É a consciência em seu primeiro estado, e poderia ser chamada primisense. Sentido de alteridade (altersense) é a consciência de um presente diretamente outro, ou segundo. [...] Sentido de mediação é a consciência de uma terceiridade, ou meio entre um Sentido de primeiro e um Sentido de Alteridade. [...] É a consciência de um processo de “trazer para mente”.

A Primeiridade está associada à experiência de vaguidade e indeterminação. Não afetada por qualquer forma de distinção, separação, reação, análise e generalização, é uma experiência da *qualidade* das coisas.

^{*} (PEIRCE, Charles S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vols. I-VI. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul (eds.). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1935. CP 1.284.)

^{*} (PEIRCE, Charles S. CP 1.292.)

^{*} (PEIRCE, Charles S. *Annotated Catalogue of the Papers of Charles S. Peirce*. ROBIN, Richard (ed.). Amherst: The University of Massachusetts Press, 1967. MS 292: 71-75.)

^{*} (PEIRCE, Charles S. CP 7.551.)

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa [...] perfeitamente simples e sem partes. As típicas idéias de Primeiridade são qualidades de *feeling* ou mera aparência. [...] É simplesmente uma possibilidade positiva peculiar sem observar qualquer outra coisa. [...] O primeiro é predominante no *feeling*. Por um *feeling* eu quero indicar um exemplo daquele tipo de consciência que não envolve qualquer análise, comparação ou qualquer processo.*

* (PEIRCE, Charles S. CP 7.551, CP 8.328, 1.531, 8.329, 1.302, 1.306.)

A secundidade está relacionada às idéias de reação, esforço, resistência, existência; está envolvida nas ocorrências, na negação, e na compulsão. Uma díada, que é uma relação irreduzível entre dois termos (relata), é o modelo lógico de Peirce para esta categoria. “Segundo” é aquilo que requer “outro”. A causalidade mecânica, de efeito eficiente, sem propósito, ou planejamento; o evento particular, não conformado a uma seqüência de eventos ou a um processo, não submetido a qualquer tendência; a compulsão para ação imediata, sem objetivo previsto ou suposto; as reações estímulo-resposta. São muitos os exemplos. Eles estão disponíveis na mecânica, eletromagnetismo, computação, psicologia comportamental.

Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo mas sem observar qualquer terceiro. [...] Típico de uma idéia de Secundidade é uma idéia de esforço, prescindido da idéia de propósito. [...] A experiência de esforço não pode existir sem a experiência de resistência. Esforço somente é esforço em virtude de seu ser oposto. [...] Ocorre mais plenamente no choque da reação entre ego e não-ego. Está lá a dupla consciência de esforço e resistência. [...] Toda a característica real da consciência é meramente o sentido de choque do não-ego sobre nós. [...] Nós nos tornamos conscientes de nós mesmos nos tornando conscientes do não-self. O estado de vigília é uma consciência da reação. [...] A idéia de outro, de não, torna-se o pivô do pensamento.*

* (PEIRCE, Charles S. CP 8.328, 8.330, 8.266, 1.324.)

Como, para Peirce, é “impossível resolver tudo em nossos pensamentos por meio destes dois elementos” – Primeiridade e Secundidade – é necessário um terceiro. Se a Secundidade é caracterizada pela reação, a Terceiridade é a categoria da inteligência. Muitas propriedades são usadas para descrevê-la: processo, generalização, persistência, duração, mediação, e hábito são as mais mencionadas. A terceiridade pode ser observada nas “exemplificações regulares”, na persistência regular, no tempo. Como a “cognição depende da conexão entre coisas”,* as relações de mediação são aquelas que caracterizam com maior precisão esta categoria. A semiose é um fenômeno paradigmático – Signo (S), Objeto (O) e Interpretante (I)

* (PEIRCE, Charles S. CP 1.343.)

* (HAUSMAN, Carl. *Charles Sanders Peirce's Evolutionary Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993: 12.)

estão relacionados em um tipo de interdependência que não pode ser reduzido, ou decomposto, em relações mais simples.

Algumas das idéias de Terceiridade proeminentes [...] são generalidade, infinidade, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. [...] Terceiridade, no sentido da categoria, é o mesmo que mediação. [...] Cognição mediada que é conhecimento através de alguma terceira idéia ou processo. [...] Sentido de Mediação é consciência de um meio termo ou processo, pelo qual alguma coisa, não-self, é reunido na consciência. Toda consciência de um processo pertence a este sentido de mediação.*

* (PEIRCE, Charles S. CP 1.340, 1.328, 7.544.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 1.545.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 5.473.)

* (BORGES, Jorge L. *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza, 1971: 101-116.)

No âmbito da Gramática Especulativa, e relativamente à primeira divisão tricotômica de signos,* as categorias equivalem a relações icônicas, indexicais, e simbólicas,* que correspondem às relações de similaridade, de contigüidade física, e de lei entre os termos S e O, da relação S-O-I.

O que faremos pode ser definido como uma “descrição fenomenológica e semioticamente orientada” de Borges, baseada nas categorias de Peirce.

A Primeiridade

Pode-se conceber a Primeiridade como uma “superposição de possibilidades”, sem consideração por qualquer ocorrência espaço-temporal concreta particular. Há um notável exemplo no conto “El jardín de los senderos que se bifurcan”.* O conto se orienta em torno do romance enigmático do escritor chinês Ts’ui Pên. O romance consiste em um labirinto temporal infinito em extensão. Em uma certa passagem, o narrador luta para criar uma imagem do romance de Ts’ui Pên, intitulado “El jardín de senderos que se bifurcan”.

Pensé en un laberinto de laberintos, en un sinuoso laberinto creciente que abarcara el pasado y el porvenir y que implicara de algún modo los astros. Absorto en esas ilusorias imágenes, olvidé mi destino de perseguido. Me sentí por un tiempo indeterminado, percibidor abstracto del mundo. El vago y vivo campo, la luna, los restos de la tarde, obraron en mí; asimismo el declive que eliminaba cualquier posibilidad de cansancio. La tarde era íntima, infinita.*

* (Ibidem: 107.)

Absorto em imagens mentais, o narrador se alienara do mundo físico, de modo que sua contemplação do mundo fora estabelecida segundo *todas* as possibilidades fornecidas no passado. Na narrativa, Albert, que é um especialista em literatura chinesa e conhecedor do romance de Ts’ui Pên, explica ao narrador que o romance

es uma imagen incomplete, pero no falsa, Del universo tal como lo concebía Ts'ui Pên. A diferencia de Newton y de Schopenhauer, su antepasado no creía en un tiempo uniforme, absoluto. Creía en infinitas series de tiempos, en una red creciente y vertiginosa de tiempos divergentes, convergentes y paralelos. Esa trama de tiempos que se aproximan, se bifurcan, se cortan o que secularmente se ignoran, abarca todas las posibilidades. No existimos en la mayoría de esos tiempos; en algunos existe usted y no yo; en otros yo, no usted; en otros, los dos. En éste, que un favorable azar me depara, usted ha llegado a mi casa; en otro, usted, al atravesar el jardín, me ha encontrado muerto; en otro, yo digo estas mismas palabras, pero soy un error, un fantasma.^{1*}

* (Ibidem: 114-115.)

Por influência de Albert, o protagonista-narrador observa a superposição de possibilidades em um só instante, possibilidades que se realizariam para criar um contexto diferente do contexto em que se encontrava o protagonista-narrador no momento da sua experiência de quase-epifania.

Me pareció que el húmedo jardín que rodeaba la casa estaba saturado hasta lo infinito de invisibles personas. Esas personas eran Albert y yo, secretos, atareados y multiformes en otras dimensiones de tiempo. Alcé los ojos y la tenue pesadilla se dispó.*

* (Ibidem: 115)

Exemplar da Primeiridade peirceana, a multiplicidade de tempos e espaços possíveis, cada um dos quais habitado por seu próprio conjunto de entidades, teria sido, para o narrador, inefável, impensável, quase inexpressível. Poderíamos dizer que fora “experimentada” uma qualidade pura, sem qualquer sentido típico de Secundidade.

A Secundidade

Esta categoria está associada à atualização, ao acontecimento, à realização – “esta entidade, aqui, neste momento”; “aqui-agora”, singular, particular. O narrador do conto tem diante de si “outra coisa”, distinta. Ele se dá conta deste “outro”. É a “realidade física”, “bruta”, do mundo físico, independente dele. Se Primeiri-

¹ É interessante notar que alguns ensaios sobre “interpretação quântica dos mundos múltiplos” (“many worlds interpretation of quantum mechanics”) foram organizadas em um livro em 1973 publicado pela Universidade de Princeton, com, precisamente, esta citação de Borges como epígrafe, porque oferece uma imagem fiel da teoria dos mundos múltiplos da mecânica quântica (DeWITT, B.S. & GRAHAM, N. (eds.). *The Many-Worlds Interpretation of Quantum Mechanics*. Princeton: Princeton University Press, 1973).

dade é independência e autonomia, a Secundidade é tipificada pela reação com outra coisa.

* (Ibidem: 147-164.)

Outro exemplo de Borges. Na última página de “La muerte y la brújula”,* Lönnrot, que é um detetive, é alvo da pistola de Scharlach, um criminoso que perseguia. Ao contrário do sonho que Lönnrot tivera, em que alcançara Scharlach, este construíra um labirinto complexo no espaço e no tempo para capturar Lönnrot. Bem sucedido, Lönnrot enfrenta Scharlach no centro do labirinto, com uma pistola. Este, consciente da aproximação da sua morte, propõe outro labirinto, que, em lugar do labirinto complexo que Scharlach havia tecido para ele, possuía apenas uma linha reta:

En esa línea se han perdido tantos filósofos que bien puede perderse un mero detective. Scharlach, cuando en otro avatar usted me dé caza, finja (o cometa) un crimen en A, luego un segundo crimen en B, a 8 kilómetros de A, luego un tercer crimen en C, a 4 kilómetros de A y de B, a mitad de camino entre los dos. Aguárdeme después en D, a 2 kilómetros de A y de C, de nuevo a mitad de camino. Máteme en D, como ahora va a matarme en Triste-le-Roy.*

* (Ibidem: 162-163.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 5.263-67.)

É um labirinto dos mais simples, e um dos notórios paradoxos de Zenão de Elea, que fascinava Peirce e Borges. Peirce* observou que se concebemos a linha de Zenão como um sistema espaço-temporal, todas as posições possíveis de segmentação da linha existem. Mas o número total dessas segmentações é infinito. Além disso, o espaço segmentado é descontínuo enquanto, para nossa percepção da linha no fluxo do tempo, parece contínuo. Localização e segmentação concretos de uma linha, em conjunto com a percepção de continuidade da mesma, no tempo. Isso cria uma situação inconsistente. Com a quebra da linha de Zenão em segmentos espaciais sucessivos deste sistema, em uma série infinita de instantes, não se pode terminar até que os atos de divisão “deste lado” e do “outro” tiverem sido repetidos infinitas vezes. Mas isto é impossível em um mundo finito. Este mundo, finito, é precisamente o mundo da Secundidade. O mundo que podemos descrever como infinito, quando tomamos em consideração “todas as possibilidades possíveis”, no passado, no presente e no futuro, é o mundo da Primeiridade. O mundo da Secundidade é o mundo que percebemos como “real”.

Para Peirce, os objetos, atos e acontecimentos possíveis não são menos “reais” do que os objetos, atos e acontecimentos do mundo físico. Podem parecer incompatíveis, por isto, as duas categorias, mas não são.

A Terceiridade

A Terceiridade inclui “mediação”, “transformação” e “evolução”, “crescimento vital”. Em uma mediação, duas entidades estão relacionadas *por meio* de uma terceira entidade. Uma representação, por exemplo, faz a mediação entre o objeto semiótico e a interpretação produzida por ele. Esta categoria tem sua “força motriz” nos hábitos, leis, e regularidades.

A Terceiridade é o domínio do desenvolvimento dos signos, do processo da *semiose*, da produção das interpretações. Se a Primeiridade está associada ao presente, às “possibilidades”, e a Secundidade está associada ao passado, e é o produto de ocorrências, o limite das possibilidades em sua atualização, a Terceiridade está associada ao futuro, à idéia de processo e crescimento. Como exclama o protagonista de “El jardín de senderos que se bifurcan”: “El porvenir ya existe!”* O que acontecerá, e o protagonista sabe bem disso, porque sabe que tem de matar Albert para concluir sua missão, acontecerá, porque foi previsto: Albert morreria, e morreu.

Este exemplo surge na cena final de “La muerte y la brújula”. Borges escreve, depois da proposta de Lönnrot, de seu labirinto alternativo:

– Para la outra vez que lo mate – replicó Scharlach – le prometo esse laberinto, que consta de uma sola línea recta y que es invisible, incesante. Retrocedió unos pasos. Después, muy cuidadosamente, hizo fuego.*

Segundo a lógica de Zenão, o disparo da pistola de Scharlach jamais terminaria sua trajetória, e Lönnrot continuaria vivo. Em contraste, segundo exigências concretas, de descontínua Secundidade, em conjunto com as possibilidades da Primeiridade, relacionadas pela mediação da Terceiridade (hábitos e leis), o disparo teria servido para unir os dois pólos – uma das possibilidades (Lönnrot vivo ou Lönnrot morto) certamente se realizará.

O conceito peirceano da Terceiridade tem conseqüências notáveis. Uma delas tem, como ponto de partida, a idéia de que o acaso não é uma simples conseqüência da ignorância, mas produto de fenômenos naturais, algo que está de acordo com as máximas da chamada “nova física” contemporânea, sobretudo a física da complexidade de Prigogine.* Diferente das conclusões da dinâmica clássica, a maior parte das leis da natureza não são mais do que aproximações estatísticas, fatos de que Peirce estava consciente.* Mesmo as leis do universo são resultado da evolução.*

* (BORGES, Jorge L. Op. cit: 115.)

* (Ibidem: 163.)

* (PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *Order Out of Chaos: Man's New Dialogue with Nature*. New York: Bantam, 1984.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 1.348.)

* (TURLEY, Peter. *Peirce's Cosmology*. New York: Philosophical Library, 1977.)

Borges e os signos Os ícones: signos que (ainda) não têm outro

O ícone representa seu objeto em virtude das características que possui, exista ou não o objeto que representa.* Imagens, fotografias, figuras, diagramas e mapas são alguns dos exemplos de Peirce. O ícone puro é auto-reflexivo. Se ele não tem (ainda) um objeto, então não é capaz de cumprir os requisitos de um signo, sendo não mais do que um signo potencial (signo de possibilidade). De fato, para Peirce, “qualquer coisa, seja qualidade, indivíduo particular ou produto de alguma convenção, é um ícone de qualquer outra coisa no sentido de que manifesta similaridade com esta coisa, ou é percebido e concebido como um signo dela”.* Deste modo, “a validade de um ícone consiste na manifestação das características de uma entidade concebida como se fora puramente imaginária”.*

O “mago” de “Las ruínas circulares” de Borges* é um caso de imaginação icônica. Depois de um intento equivocado de sonhar uma variedade de “filhos” para logo eleger um deles, e interpolá-lo na “realidade”, o mago é capaz de sonhar uma só imagem que parecia ser um filho legítimo, e que poderia ser integrado ao mundo físico que, acreditava o mago, era o mundo “real”. Ao ver o filho crescer, ele o enviaria para um lugar em que começaria a exercer a mesma profissão do pai, mas não antes de apagar de sua memória tudo que havia acontecido. Algum tempo depois, no entanto, surgiram boatos sobre seu filho, sugerindo que ele talvez não fosse uma pessoa “real”. O mago temia que seu filho começasse a meditar nesse “privilegio anormal y descubriera de algún modo su condición de mero simulacro. No ser un hombre, ser la proyección del sueño de outro hombre ¡Qué humillación incomparable, qué vértigo!”* Durante suas meditações, há um incêndio na floresta e o mago se encontra no centro de uma série de chamas concêntricas que se aproximam. Ele decide então caminhar nas chamas, sabendo que sua morte é inevitável. Mas as chamas lhe acariciam, e ele se dá conta, com “alivio, com humillación, com terror”, que “él también era una apariencia, que outro estaba soñándolo”.* O pai, tanto quanto o filho, como sonho, imagem, sensação sem substância, não é mais do que signo de qualidade, de Primeiridade.

A imagem das ruínas, do filho e do incêndio, como signos mais ou menos autônomos, e auto-reflexivos, são ícones.

* (PEIRCE, Charles S. CP 2.247.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 4.448.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 4.448.)

* (BORGES, Jorge L. Op. cit: 61-70.)

* (Ibidem: 68.)

* (Ibidem: 69.)

Os índices: signos e seus outros

Um índice é “um Representamen [signo] cujo caráter representativo consiste em pertencer à Secundidade. Se a Secundidade do signo for uma relação existencial [de uma entidade existente], o índice será genuíno; se for de natureza referencial, o índice será degenerado”.*

São como os inventores do planeta Tlön de “Tlön, Uqar, Orbis Tertius”, de Borges,* que não têm melhor remédio do que conceitualizar a relação entre esse planeta estranho e as noções de seu próprio mundo, já que são de naturezas incompatíveis. Há problemas graves com respeito à sua interpretação do novo planeta. De outra perspectiva, é como Averroës, de “La busca de Averroës”.* Para compreender os conceitos aristotélicos do teatro, “tragédia” e “comédia”, Averroës não tem outro remédio senão o de correlacionar os termos aristotélicos com alguns aspectos do teatro chinês, de acordo com o relato desse teatro, por um amigo que havia viajado à China, de maneira que pudesse formar, ao final, alguma conclusão que fosse mais ou menos compatível com um certo aspecto da sua própria cultura. Em cada caso, os índices funcionam como “signos de segunda mão”, signos genuínos que desapareceram sem deixar qualquer rastro do que foram antes.

O mais curioso de “La busca de Averroës”, e o mais significativo com respeito à função do signo indexical, é que Averroës, depois de formar associações por analogia (icônicas, de Primeiridade) entre “tragédia” e “comédia”, terminou com uma tradução precisa e certa. Depois de seu cansativo trabalho, e tendo-se retirado ao seu quarto para se deitar, ele examina sua imagem ao espelho. Neste momento ele e sua cultura desaparecem – “la casa y el invisible surtidor y los libros y los manuscritos y las palomas y las muchas esclavas de pelo negro y la trémula esclava de pelo rojo y Farach y Abulcásim y los rosales y tal vez el Guadalquivir”.*

Assim, as similitudes entre a cultura de Averroës, a de Aristóteles, e da China, em justaposição, revelaram suas naturezas, como signos indexicais. Depois da analogia e da indexicalização, o mundo cultural de Averroës deixou de existir como uma entidade puramente icônica, auto-reflexiva. Existe, em seu mundo, a base da relação entre sua cultura e *outra* cultura (igualmente “semiótica”). Os signos de Averroës, orientados pela “tragédia” e “comédia”, eram signos de Secundidade. O mundo de Averroës, sem Terceiridade, sem expressão simbólica, não poderia funcionar.

* (PEIRCE, Charles S. CP 2.283.)

* (BORGES, Jorge L. Op. cit: 3-18.)

* (BORGES, Jorge L. *El Aleph*. Barcelona: Planeta, 1969: 117-132.)

* (Ibidem: 131.)

Trata-se de uma situação oposta àquela encontrada pelo Mago de “Las ruínas circulares”. Embora seus signos não fossem mais do que fantasmas, ele fora uma pessoa “real”, que desejara criar um “filho sonhado” capaz de invadir a “realidade” física. Ao fim, ele permanecera em estado de Primeiridade, uma vez que entre sonho e mundo “real” físico não poderia haver relação genuinamente indexical. A “realidade” de Averroës também é, de maneira perversa, a “realidade” dos tlönistas, segundo a descrição de Borges:

Siglos y siglos de idealismo no han dejado de influir en la realidad. No es infrecuente, en las regiones más antiguas de Tlön, la duplicación de objetos perdidos. Dos personas buscan un lápiz; la primera lo encuentra y no dice nada; la segunda encuentra un segundo lápiz no menos real, pero más ajustado a su expectativa.*

* (BORGES, Jorge L. *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza, 1971: 28-29.)

Para os tlönistas, irremediáveis idealistas, o que fosse inventado ou construído na mente seria “real”. Nenhum signo “fora da realidade”. Um “signo” equivale à criação de um objeto semiótico do signo. Não há mundo fora da mente. O mundo dos tlönistas é da natureza do mundo de Averroës, antes de resolvido o problema da “tragédia” e da “comédia”. Logo depois este mundo entraria no domínio da Secundidade, em contraste com o mundo de Aristóteles. Para cumprir com a lógica das culturas no sentido holístico, o mundo de Averroës teria de desaparecer. A *semiose* tlönista é como uma “alucinação coletiva”.

De que tipo de índice estamos falando?

Mas como existir em uma cultura idealista do estilo do Mago, os tlönistas, ou Averroës antes de traduzir Aristóteles? Os exemplos que consideramos são casos radicais. Do outro lado da moeda, vemos outro personagem de Borges, um “nominalista empírico”, complementar ao “nominalismo mental” dos tlönistas, na figura de Funes, de “Funes el memorioso”.*

* (Ibidem: 121-32.)

Símbolos, como “quark” e “ $\sqrt{-1}$ ” são característicos dos tlönistas. Os “quarks” são produto da imaginação pura: signos mentais. E a raiz quadrada de “menos um” – que, não por acaso, tem o nome de “número imaginário” – é uma completa fabricação mental. Embora ambos ocupem um lugar privilegiado na física e na matemática, imaginários, gozam de um tipo especial de relação com o mundo “real”. São puramente icônicos, mas possuem características indexicais e propriedades simbólicas. Deste modo, são capa-

zes de ocupar um lugar entre os signos de generalidade. “Quark” e “ $\sqrt{-1}$ ”, como signos gerais, podem ser usados repetidas vezes em um número indefinido de contextos.

Funes é distinto. Ele não é capaz de reconhecer mais do que particularidades (Secundidade). Não pode pensar em signos de natureza geral (Terceiridade). Custa-lhe muito esforço compreender

que el símbolo genérico “perro” abarcara tantos individuos dispares de diversos tamaños y diversa forma; le molestaba que un perro de las tres y catorce (visto de perfil) tuviera el mismo nombre que el mismo perro de las tres y cuarto (visto de frente). Su propia cara en el espejo, sus propias manos, lo sorprendían cada vez.*

* (Ibidem: 130.)

Funes aprendeu inglês, francês, português e latim com facilidade. Não obstante, parece “que no era muy capaz de pensar. Pensar es olvidar diferencias, es generalizar, abstraer. En el aborrotado mundo de Funes no había sino detalles, casi inmediatos”.* Cada signo, para Funes, tratava-se de um particular, sem relação com qualquer outro signo pertencente a qualquer classe. Para Funes, cada signo pode se referir a apenas um objeto semiótico, aqui e agora, não podendo se relacionar com qualquer outro objeto em qualquer outro contexto.

* (Ibidem: 131.)

Mas a história não termina aqui. Para Funes, os números naturais não têm qualquer ordem serial. Ele inventou seu próprio sistema de numeração, arbitrário e desordenado, mas, para ele, bastante eficaz:

Em lugar de siete mil trece, decía (por ejemplo) Máximo Pérez; en lugar de siete mil catorce, El Ferrocarril; otros números eran Luis Melián, Lafinur, Olimar, azufre, los bastos, la ballena, el gas, la caldera, Napoleón, Agustín de Vedia. En lugar de quinientos, decía nueve. Cada palabra tenía un signo particular, una especie de marca; las últimas eran muy complicadas... Yo traté de explicarle que esa rapsodia de voces inconexas era precisamente lo contrario de un sistema de enumeración... Funes no me entendió o no quiso entenderme.*

* (Ibidem: 129.)

Para John Locke, e também para o Conde Korzybsky, inventor da “semântica geral”, uma língua ideal, embora impossível na vida prática, seria uma língua “hipernominalista”, em que cada palavra teria sua própria característica particular: um cachorro visto pela primeira vez às quatro da tarde seria cachorro₁, visto às quatro e meia seria cachorro₂ etc. E cada cachorro deveria ter seu próprio nome. Este mundo, ou esta paisagem prolífica e intratável de signos, seria, precisamente, o mundo de Funes. De fato, Funes

proyectó alguna vez un idioma análogo, pero lo desechó por parecerle demasiado general, demasiado ambiguo. En efecto, Funes no sólo recordaba cada hoja de cada árbol, de cada monte, sino cada una de las veces que la había percibido o imaginado. Resolvió reducir cada una de sus jornadas pretéritas, a unos setenta mil recuerdos, que definiría luego por cifras. Lo disuadieron dos consideraciones: la conciencia de que la tarea era interminable, la conciencia de que era inútil. Pensó que en la hora de la muerte no habría acabado aún de clasificar todos los recuerdos de la niñez.*

* (Ibidem: 130)

Não só os termos tinham perdido sua qualidade de símbolos, generalidades capazes de representar um “sem número de atos”, objetos e acontecimentos concretos no mundo físico, mas eles sequer estavam relacionados, uma propriedade dos sistemas lingüísticos. Entretanto, o sistema de Funes – se é que podemos chamar as construções de Funes de “sistemas” – é natural, embora, para nós, caótico.

Se, para Funes, os termos não possuem generalidade ou extensão (denotação), com respeito a classes de objetos semióticos, e sem possibilidade de conotação, que permita qualquer ambigüidade e vaguidade para os signos – característica das línguas naturais – então o mundo de Funes é incomensurável com o nosso mundo. Seu mundo sem Terceiridade é, para nós, incompreensível. Funes não possui a noção dos símbolos.

Os símbolos: a força das palavras

Em contraste com os ícones e índices, os símbolos têm relação com seus objetos semióticos em virtude, principalmente, do uso repetido e regular, transformado em hábito: um símbolo é “uma lei, ou regularidade, do futuro indefinido”.* Segundo Peirce, os símbolos são signos de Terceiridade. Mas, como signos de terceiraidade, eles contêm ícones e índices, Primeiridade e Secundidade. Neste sentido, os símbolos não são “reais” sem qualidades (de Primeiridade) e sem atualizações (de Secundidade). A possibilidade qualitativa de um símbolo constitui seu aspecto icônico, e sua *existência* mental, ou física, constitui seu aspecto indexical. Assim, um símbolo consiste no fato de que uma qualidade é associada a uma instanciação. A generalidade do símbolo, deste modo, não está no ícone ou no índice, mas no hábito de associação do intérprete, por meio de uma lei, convenção, ou norma.*

* (PEIRCE, Charles S. CP 2.293.)

* (PEIRCE, Charles S. CP 2.438.)

Com respeito aos símbolos, sabemos como as diferenças de significado são contexto-dependentes. Borges nos oferece um exem-

plo desta propriedade dos símbolos em “Pierre Menard, autor Del Quixote”.^{*} Menard, depois de várias tentativas, conseguiu reduplicar fielmente uma passagem do Quixote sem ter lido a mesma passagem. Embora pesquisadores, contextualizando as passagens dos dois autores, Cervantes e Menard, tenham interpretado os textos como incomensuráveis, o texto de Menard não fora mais do que uma réplica do primeiro. Os dois textos são “verbalmente idênticos, pero el segundo es casi infinitamente más rico. (Más ambigüo, dirán sus detractores; pero la ambigüedad es una riqueza).”^{*} Para os pesquisadores, o fragmento de Quixote de Menard

^{*} (BORGES, Jorge L. *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza, 1971: 47-60.)

^{*} (Ibidem: 56-57.)

es más sutil que el de Cervantes. Este, de un modo burdo, opone a las ficciones caballerescas la pobre realidad provinciana de su país; Menard elige como “realidad” la tierra de Carmen durante el siglo de Lepanto y de Lope. ¡Qué españoladas no habría aconsejado esa elección de Maurice Barrés o al doctor Rodríguez Larreta! Menard, con toda naturalidad, las elude. En su obra no hay gitanerías ni conquistadores, ni místicos, ni Felipe Segundo ni autores de fe. Desatiende o proscribte el color local. Ese desdén indica un sentido nuevo de la novela histórica. Ese desdén condena a Salammô, inapelablemente.^{*}

^{*} (Ibidem: 55-56.)

Pelo desdém de Menard, os fragmentos são uma enorme abstração, um afastamento radical do contexto concreto da obra, na Espanha de Cervantes. O texto de Menard é uma redução absurda, originando um simbolismo muito concentrado, de modo que o significado de uma palavra oferece muitas interpretações. Tomando em consideração, por exemplo, um termo do fragmento de Menard, “história”, isso fica claro. “História”, no século de Cervantes, “es un mero elogio retórico”. A mesma palavra no texto de Menard, ao contrário, é a

madre de la verdad; la idea es asombrosa. Menard, contemporáneo de William James, no define la historia como una indagación de la realidad sino como su origen. La verdad histórica, para él, no es lo que sucedió; es lo que juzgamos que sucedió. Las cláusulas finales – ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir – son descaradamente pragmáticas.^{*}

^{*} (Ibidem: Alianza, 1971: 57.)

Os pesquisadores interpretavam os fragmentos à maneira de William James segundo uma metodologia pragmática, do qual Peirce foi pioneiro, e segundo a qual todo significado emerge através da prática e do contexto.^{*} Cervantes e Menard escreveram textos em que o termo “história” possui significados incomensuráveis, da perspectiva dos pesquisadores. A idéia de incomensurabilidade é

^{*} (ver QUEIROZ, João; MERRELL, Floyd. “Semiosis and pragmatism: toward a dynamic concept of meaning”. *Sign System Studies* 2006, 34 [1]: 37-66)

natural para os símbolos, que mediam ícones e índices. Os símbolos “unem” ícones e seus “alvos semióticos”, os índices e seus objetos, atos e acontecimentos em seus contextos particulares. Os símbolos, por sua vez, são regulados por hábitos, e com o fluxo do tempo se podem transformar em entidades e processos muito diferentes, como no exemplo de Cervantes e Menard.

É muito exemplar a mudança do significado de “átomo”, de Demócrito a Newton, John Dalton, Ernst Mach, Ernest Rutherford, Niels Bohr, Werner Heisenberg e Erwin Schrödinger, de uma esfera indivisível e impenetrável a uma combinação de ondas sem substância. Em cada passo histórico, “átomo”, como um símbolo, transformou seu significado em algo arbitrariamente (modelarmente) distinto. Em cada passo, novas convenções científicas foram estabelecidas, indicando o surgimento de novas “realidades semióticas”.

Símbolos como signos classificadores

As classificações não são inocentes. São motivadas por pressuposições, predisposições, preconceitos e arbitrariedades. Além disso, o que é um importante pressuposto da semiótica de Peirce, nunca são completamente estáveis.

Borges, em sua notória enciclopédia chinesa, divide os animais em um sistema de extravagantes categorias

a) pertencientes al Emperador, b) embalsamados, c) amaestrados, d) lechones, e) sirenas, f) fabulosos, g) perros sueltos, h) incluídos em esta clasificación, i) que se agitan como locos, j) innumerables, k) dibujados com um pincel finísimo de pelo de camello, l) etcétera, m) que acaban de romper el jarrón, n) que de lejos, parecen moscas.*

Este catálogo monstruoso não permite obter qualquer princípio de ordem, fora do próprio sistema. Não há qualquer “janela” por onde se possa entrar no sistema. “O que é impossível”, escreve Foucault,* em referência a este catálogo, “não é a propinquidade do que aparece na lista, mas o lugar mesmo onde a propinquidade seria possível”. Foucault denomina esta incomensurabilidade radical entre taxonomias de “heterotopia”, que qualifica o “sabe” sem centro nem fundamentos do pós-modernismo. Mas uma taxonomia, devemos admitir, serve como um passo preliminar em uma pesquisa que conduz a um modelo classificatório. Porque, sem qualquer classificação, não pode haver signos simbólicos, e sem signos simbólicos não pode haver classificação, nem língua para classificar.

* (BORGES, Jorge L. “El idioma analítico de John Wilkins”. *Otras Inquisiciones*. Buenos Aires, Emecé, 1960: 102-103.)

* (FOUCAULT, Michel. *The Order of Things*. New York: Pantheon, 1970: xvi)

Precisamos das classificações simbólicas. Ao mesmo tempo, deve-se ter em conta o fato de que nunca tivemos, não temos, e não teremos, qualquer classificação que seja completa.

Para Peirce, são *fanerons* os signos classificados fenomenologicamente. Isabel Stearns* observa que, se as três categorias fossem descobertas “dentro dos fanerons” seriam apresentadas “de forma desordenada”. É tarefa da mente libertar os fanerons da desordem. Só assim podem ser reconhecidos como formas que têm diferenças e contrastes. Aparece um paradoxo: as categorias são produto da mente, mas para conhecê-las é necessário libertar-se da mente que as produziu. A mente sabe superar esta “tarefa impossível”. Porque ela é ao mesmo tempo observadora “objetiva de”, e participante “subjéctiva-idealista” dos *fanerons*.

O problema é que a mente interpreta um signo, e o interpreta outra vez, e logo o interpreta de novo. A interpretação é um processo, e como um processo, não se sujeita a um término, a um fim, a não ser que seja infinita em extensão. Se for infinita, não está ao alcance de seres finitos. Borges nos fornece um exemplo, de “El libro de arena”:

La línea consta de un número infinito de puntos; el plano, de un número infinito de líneas; el volumen, de un número infinito de planos; el hipervolumen, de un número infinito de volúmenes... No, decididamente no es éste, more geométrico, el mejor modo de inicial mi relato. Afirmar que es verídico es ahora una convención de todo relato fantástico; el mío, sin embargo, es verídico.*

O protagonista deste conto recebe nas suas mãos um livro com uma infinidade de páginas; ou melhor, o protagonista, que é o livro de uma infinidade de páginas, cai nas mãos de um homem, que fica perdido entre elas. Ou ainda, o protagonista do conto é a infinidade. É apropriado que o conto tenha, como epígrafe, uma imagem de George Herbert, “... a tua corda feita de areia...”, lembrando-nos a tarefa impossível do Mago de “Las ruínas circulares”, que sonha um filho e logo o lança à “realidad”, tarefa que é “mucho más árdua que tejer una cuerda de arena o que amonedar el viento sin cara”.* Uma corda serial (continua), fabricada de areia granular (descontínua), um fluxo feito de moedas digitais. A semiose, em sua “extensão total”, é como a “Biblioteca de Babel” de Borges – ou o universo, segundo Pascal, Nicolas de Cusa, e de outros – “uma esfera cuyo centro cabal es cualquier hexágono, cuya circunferencia es inaccessible”.* Como a imagem do “Libro de Arena”:

* (STEARNS, Isabel. “Firstness, Secondness, and Thirdness”. In: WIENER, Phillip; YOUNG, Frederic (eds.). *The Philosophy of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1952: 198.)

* (BORGES, Jorge L. *El libro de arena*. Buenos Aires: Alianza, 1977: 95.)

* (BORGES, Jorge L. *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza, 1971: 64.)

* (Ibidem: 86-99.)

* (Ibidem: 90.)

* (BORGES, Jorge L. *El libro de arena*. Buenos Aires: Alianza, 1977: 97.)

* (BORGES, Jorge L. *El Aleph*. Barcelona: Planeta, 1969: 147-55)

* (BORGES, Jorge L. *El Aleph*. Barcelona: Planeta, 1969: 117-132.)

* (BORGES, Jorge L. *Ficciones*. Buenos Aires: Alianza, 1971: 114.)

* (BORGES, Jorge L. *El Aleph*. Barcelona: Planeta, 1969: 133-146)

“Si el espacio es infinito estamos en cualquier punto del espacio. Si el tiempo es infinito estamos en cualquier punto del tiempo.”^{*} Ou como a cifra de Tzinacán de “La escritura de Dios”,^{*} ou talvez o “Aleph” do conto do mesmo nome,^{*} ou a idéia schopenhaueriana —empregada muitas vezes por Borges — de que um leão é capaz de ser todos os leões.

Sobre o mesmo tema, em “El jardín de senderos que se bifurcan”, encontramos a pergunta, “En una adivinanza cuyo tema es el ajedrez, ¿cuál es la única palabra prohibida?”, e logo nosso protagonista narra: “Reflexioné um momento y repuse: — La palabra ajedrez”.^{*} Mas se o protagonista estiver dentro da esfera da semióse? Então a solução para o livro intitulado “El jardín de los senderos que se bifurcan”, no conto homônimo, não poderia ser encontrada dentro do conto. Como o “Zahir” de Borges^{*} em que o narrador, depois de haver recebido uma moeda como troco, não conseguia tirá-la do pensamento. Obcecado com a moeda, intuindo nela algo misterioso, místico, série infinita de imagens, como a litania “Neti, neti,...*n*” (“Isto não, isto não,...*n*”), da meditação budista, que, pela negação *ad infinitum*, pode chegar ao final de um caminho infinito.

O labirinto não tem saída?

Borges legou-nos contos sobre os paradoxos da infinidade; Peirce legou-nos teorias e modelos sobre as relações entre continuidade e descontinuidade, processo e entidade, tempo e espaço. As categorias de Peirce devem ser consideradas *tendências*, ao invés de estruturas estáticas. Para Rescher,^{*} são “perguntas orientadas”. Elas fornecem taxonomias, classes, listas e diagramas. Deve-se ter em conta que as categorias implicam possibilidades transitórias mais do que imutabilidades. É por isto que possuem “validade limitada”,^{*} qualquer que seja o conceito de uma categoria ou de um sistema semiótico.^{*} Isto é bastante apropriado, já que para Peirce, como nos contos de Borges, não pode haver algo “eternamente fixo”.

Agradecimentos: J.Q. agradece ao apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Floyd Merrell

Floyd Merrell é professor da Universidade de Purdue. Suas publicações recentes incluem: La abducción de C. S. Peirce: Significado, vaguedad y generalidad, em *Lenguaje, significado y psicología*, Z. Monro y Nasr e P. Fernández Christlieb (orgs.), 3-22 (UNAM, 2007); Is the Semiotic Sphere's Center Everywhere and its Circumference Nowhere?, *Semiotica* (2008, 169 [1/4], 269-300), Life before Matter, Possible Signification before Tangible Signs, *Cosmos and History* (2008 4 [1], 99-112).

João Queiroz

João Queiroz é professor da Universidade Federal da Bahia. Suas publicações incluem: *Genes, Information, Semiosis*, com C. Emmeche & C.El-Hani (Tartu University Press, prelo), *Artificial Cognition Systems*, com A. Loula & R.Gudwin (Idea Group, 2007); *Semiotics and Intelligent Systems Development*, com R.Gudwin (Idea Group, 2007); *Advanced Issues in Cognitive Science and Semiotics*, com P. Farias (Shaker, 2006); *Semiose Segundo Peirce* (EDUC, 2004).

Resumo

Fragmentos de J.L.Borges servem, aqui, a uma “descrição semiótica orientada”, baseada na teoria das categorias de C.S.Peirce. Não se pretende fazer, portanto, o desenvolvimento de uma “semiótica da literatura” com foco no texto Borgeano. Ele serve-nos como *exemplares* para um tratamento das categorias fenomenológicas de Peirce.

Palavras-chave: Borges; Peirce; categorias lógico-fenomenológicas.

Abstract

In this essay, literary fragments from J. L. Borges combine to form a “semiotically oriented description”, based on C. S. Peirce's theory of categories. However, there is no intention to develop a “semiotic theory of literature” through focus on Borgesian texts. Rather the texts are used as exemplary semiotic prototypes that illustrate Peirce's phenomenological categories.

Resumen

En este ensayo, selecciones de la obra de J. L. Borges componen una “descripción semiótica orientada”, basada en la teoría de las categorías de C. S. Peirce. Sin embargo, de ninguna manera hay la presunción de desarrollar una “semiótica de la literatura” a través de un enfoque en textos borgianos, sino que los textos sirven como prototipos que ejemplifican las categorías fenomenológicas de Peirce.

Key words: Borges; Peirce; Logical-Phenomenological Categories.

Palabras llave: Borges; Peirce; categorías lógico-fenomenológicas.

Recebido em
03/05/2008

Aprovado em
30/06/2008